



Apelo a comunicações

Os tipos de escrita do jornalismo

Colóquio internacional organizado pelo GIS Journalisme, consórcio de laboratórios
CARISM (IFP – Universidade de Paris 2) CRAPE (CNRS – Universidades de Rennes – IEP –
EHESP)
ELICO (Universidades de Lyon) GRIPIC (CELSA - Universidade de Paris Sorbonne)

Paris, 23, 24, 25 de março de 2017

A data limite para a receção de propostas é **31 de agosto de 2016**

As respostas aos colaboradores serão enviadas a 15 de outubro de 2016

A partir do momento em que os jornalistas pretenderam reivindicar a sua profissão como estando em busca de autonomia, a questão da escrita foi apresentada como um marcador de diferenciação social e de afirmação de identidade. Posteriormente passámos da escrita considerada como um estilo característico ao serviço de uma narração específica para as escritas jornalísticas; sendo que o plural marca um movimento de diferenciação interna na profissão, iniciada pela emergência de novos meios de publicação, de novas tecnologias, de formas de especialização por género ou por tema. As formas de escrita e os modos de narração (as formas de "contar uma história") foram alterados. Por fim, mais recentemente, o aparecimento da Internet e das tecnologias digitais e móveis fez com que se voltasse a questionar os modos de escrita jornalística e as formas de narração.

Mas a questão das escritas não representa apenas um motivo de preocupação para a profissão. Mobiliza igualmente várias investigações sobre o jornalismo desde as suas origens. As escritas jornalísticas são objeto da atenção científica em relação a muitos aspetos: estudos das construções semiológicas dos conteúdos jornalísticos e das representações sociais produzidas dessa forma (e das suas possíveis influências); análise literária ou linguística destes discursos...

De facto, as escritas do jornalismo interessam a todas as ciências sociais dado que se considera que a escrita não é apenas o texto, mas é o resultado de um processo de produção das informações cujos traços visíveis reclamam a revelação das condições sociais, culturais, históricas, económicas ou organizacionais de produção.

Questionar as escritas equivale, portanto, a interrogar, no passado ou no presente, as representações da profissão e das respetivas especializações; os modos de aquisição e de transmissão destas técnicas; os modelos económicos subjacentes ao mercado da comunicação social; as estruturas organizacionais das redações; as modalidades de apropriação dos meios e

das tecnologias de comunicação; as representações que os jornalistas fazem dos respectivos públicos e das respectivas expectativas.

O presente apelo para o colóquio propõe a organização da reflexão dos colaboradores em torno de quatro segmentos, a partir de uma apresentação dos respectivos resultados das investigações com base em trabalhos empíricos, que articula o estudo das escritas e condições da sua produção, abstraindo-se de qualquer separação artificial entre o que se destaque de uma análise textual autónoma e de um estudo dos contextos de escrita e de receção. O primeiro segmento visa a recontextualização histórica das evoluções da escrita jornalística. O segundo questiona a influência da organização sobre a produção de informações. Em seguida, tratar-se-ia de avaliar a forma como as tecnologias digitais e móveis abrem novos horizontes para as escritas jornalísticas. Por fim, o último segmento destina-se a rever o discurso de enaltecimento da escrita jornalística.

Segmento 1 - Dinâmicas das escritas jornalísticas

A aprendizagem da escrita (ou de uma forma de escrita) encontra-se no cerne dos primeiros momentos da profissionalização, enquanto meio para a afirmação da especificidade e credibilidade da profissão. Desde então, as formas de escrita e de narração jornalísticas sofreram uma enorme evolução ao longo da história, não só devido aos progressos tecnológicos e dos novos suportes disponíveis, mas também devido à expansão de novos géneros jornalísticos (emergência progressiva do retrato, da grande reportagem, do editorial, de diretos, etc.) e de novas especializações apresentadas como formas de enfraquecer as técnicas jornalísticas (jornalismo de guerra, jornalismo cultural, jornalismo desportivo, etc.).

As contribuições deste segmento pretenderão captar as evoluções espaciais e temporais das escritas jornalísticas, apreender as transformações das formas de narração, identificar os movimentos de rutura ou de oscilação que levam à renovação das práticas de escrita ao longo da história do jornalismo.

Segmento 2 - Organizações e escritas

A produção dos conteúdos jornalísticos depende das organizações subjacentes. A escrita jornalística é o resultado de uma divisão do trabalho, que é evolutiva (os revisores praticamente desapareceram; as secretárias de redação tornaram-se em editores cujas técnicas aumentaram, os títulos dos artigos já não são apenas da competência dos "chefes", mas também dos redatores do trabalho; os jornalistas políticos tendem a ter menos espaços para escrever...). Entre a redação e os outros serviços das empresas do setor da comunicação social ou dos agentes externos existe uma rede de relações que forma um verdadeiro ecossistema relacional. As organizações evoluem, reestruturam-se, modernizam-se e adaptam-se sob a influência da transição digital e da dinâmica dos mercados; aparecem assim novas funções e pesam sobre a seleção das matérias, a hierarquia da informação e sobre o respetivo tratamento. Por conseguinte, as escritas podem ser alteradas, repensadas, forçadas, inclusivamente deturpadas num sentido que não corresponde à principal intenção dos jornalistas.

As propostas garantirão assim a restituição das lógicas de escrita jornalística no contexto dos diversos ecossistemas relacionais, tradicionais ou contemporâneos. Irão questionar o peso da organização no trabalho de escrita e a forma como os jornalistas conseguem ou não preservar assim a respetiva autonomia.

Segmento 3 - As escritas digitais

Com a chegada das ferramentas digitais, as escritas e as narrações jornalísticas podem ser totalmente transformadas. A escrita pode tornar-se em multimédia e construir textos, imagens,

dados sob a forma composta (web-documentário...). Pode basear-se em dispositivos de participação que integram contribuições externas e amadoras (live blogging, Storify...). Pode ter em conta a geolocalização, em direto ou em diferido, com reportagens realizadas graças às tecnologias móveis. Pode encenar os dados de forma renovada, ao oferecer uma visualização que ultrapassa a infografia de modo a tornar-se uma verdadeira visualização dos dados orquestrada por jornalistas de dados que aprofundam, classificam e reorganizam os dados em benefício da investigação ou de uma abordagem pedagógica.

Portanto, as contribuições deste segmento abordarão as novas formas de escrita e de narração com a utilização de dispositivos digitais e móveis.

Segmento 4 - Enaltecimento da escrita

Escrever é uma das técnicas que se exige a qualquer jornalista. Salvo em situações de direto, em que é suposto "haver um estilo", "uma caneta", "uma linha", incluindo na rádio ou na televisão. A escrita não é uma especificidade da imprensa escrita. Nos "novos" meios de comunicação social, a escrita pode ser igualmente enaltecida ou apresentada como característica, tal como é o caso da "escrita multimédia". Por conseguinte, a escrita é mais ou menos valorizada, conforme os meios de comunicação social, conforme as formações, conforme os países (a comparação entre o jornalismo francês e anglo-saxónico é frequentemente apresentada como menos "literária", mais "fatural" e um clássico) e também conforme as conjunturas históricas. Mas a escrita jornalística não é somente autorreferencial. Há profissionais que enaltecem as diferentes fontes da sua inspiração e da sua criatividade, ao reivindicar modelos vindos de outra parte (literatura, cinema, séries de televisão, fotografia artística...).

Assim, as contribuições previstas centrar-se-ão no discurso de enaltecimento dos estilos jornalísticos (ou, pelo contrário, na lamentação do respetivo empobrecimento), na forma como as formações do jornalismo se apoderam desta temática, na forma comparada como os espaços nacionais ou as redações abordam ou abordaram de maneira diferente a questão da escrita, ou no enaltecimento das fontes de inspiração.

Modos de envio

Enviar para colloque.GIS2017@gmail.com :

- um resumo de 1000 palavras (ou 6000 caracteres, espaços incluídos), com 3 a 5 palavras-chave e a indicação do segmento em que se inclui essa comunicação.

Agradecemos que não introduza indicações que permitam identificar o autor ou os autores.

e

- uma primeira página que inclua a identidade, a instituição e o endereço de correio eletrónico do autor ou dos autores.

Estas informações não serão comunicadas aos membros da comissão científica responsáveis pela avaliação das propostas. Os resumos e as comunicações podem ser apresentados em inglês, espanhol, francês ou português.

Comissão científica

- Dominique AUGÉY, Aix-Marseille université (France)

- Rodney BENSON, New-York University (USA)

- Claire BLANDIN, UPEC (France)

- Pablo J. BOCZKOWSKI, Northwestern University (USA)
- Etienne CANDEL, Université Paris-Sorbonne (France)
- Jean CHARRON, Université Laval (Québec, Canada)
- Rogério CHRISTOFOLETTI, Universidade Federal de Santa Catarina (Brésil)
- Béatrice DAMIAN-GAILLARD, Université de Rennes 1 (France)
- Francisco DE ASSIS, Escola Superior de Propaganda e Marketing (Brésil)
- Salvador DE LEON, Universidad autonoma de Aguascalientes (Mexique)
- Hervé DEMAILLY, Université Paris-Sorbonne (France)
- David DOMINGO, Université libre de Bruxelles (Belgique)
- Isabelle GARCIN-MARROU, SciencesPo Lyon (France)
- Isabelle HARE, Université de Poitiers (France)
- María Elena HERNÁNDEZ, Universidad de Guadalajara (Mexique)
- Valérie JEANNE-PERRIER, Université Paris-Sorbonne (France)
- Christine LETEINTURIER, Université Paris 2 (France)
- Jean-Baptiste LEGAVRE, Université Paris 2 (France)
- Samuel LIMA, Universidade de Brasilia (Brésil)
- Marc LITS, Université Catholique de Louvain (Belgique)
- Arnaud MERCIER, Université Paris 2 (France)
- Jacques MICK, Universidade Federal de Santa Catarina (Brésil)
- Katharina NIEMEYER, université Paris 2 (France)
- Bibia PAVARD, université Paris 2 (France)
- Fabio PEREIRA, Universidade de Brasilia (Brésil)
- Nathalie PIGNARD-CHEYNEL, Université de Neuchatel (Suisse)
- Guillaume PINSON, Université Laval (Canada)
- Valentina PRICOPIE, Universitatea din Bucuresti (Roumanie)
- David PRITCHARD, University of Wisconsin (USA)
- Jean-Michel RAMPON, Institut d'études politiques de Lyon (France)
- Rémy RIEFFEL, Université Paris 2 (France)
- Denis RUELLAN, Université Paris-Sorbonne (France)
- Philip SCHLESINGER, University of Glasgow (GB)
- Annelise TOUBOUL, Université Lyon 2 (France)
- Adeline WRONA, Université Paris-Sorbonne (France)